

**Dossiê – Metodologias de Pesquisa em Psicanálise: Caminhos, Paradoxos e Impasses.**

**A metodologia psicanalítica em pesquisa: o uso de entrevistas e análise de dados na investigação de fenômenos sociais**

Arthur Kelles Andrade<sup>1</sup>

**Resumo**

Este artigo explora os fundamentos epistemológicos e metodológicos da pesquisa psicanalítica focando a aplicação da entrevista a fenômenos sociais e políticos. A metodologia psicanalítica se afasta dos paradigmas científicos tradicionais de neutralidade, ancorando-se na implicação do pesquisador. Mesmo fora do consultório, a pesquisa psicanalítica é definida como clínica, pois exige a sustentação do discurso analítico. Destaca-se a entrevista como um instrumento metodológico privilegiado que, ao ser operado pela escuta analítica (atenção flutuante e associação livre), transcende a mera coleta de dados. O eixo central dessa abordagem é a transferência, que é entendida como operador metodológico. O saber não é considerado um dado prévio a ser extraído do sujeito, mas algo produzido na relação transferencial, que envolve o pesquisador. Na análise de dados, realizada *a posteriori* sobre o material transcrito, o método psicanalítico utiliza a redução significativa para identificar significantes mestres, repetições e pontos de gozo no discurso. Em vez de buscar generalizações, a análise valoriza o detalhe e se concentra no que escapa ao sentido manifesto, como o não-dito, os silêncios e as evitações no discurso. Conclui-se que, ao sustentar a escuta e a transferência, a entrevista se mostra como um método psicanalítico rigoroso para investigar a dimensão inconsciente singular presente no laço social.

**Palavras-chave:** Pesquisa psicanalítica. Metodologia. Entrevista. Fenômenos sociais. Transferência.

**Introdução**

Desde seus primórdios, a Psicanálise se constituiu como uma prática clínica e investigativa que desafia os paradigmas científicos vigentes. Ao formular a hipótese do inconsciente, Freud inaugurou uma abordagem que exigia um modo próprio de construção do conhecimento. Nesse contexto, a pesquisa psicanalítica não pode ser pensada nos moldes tradicionais positivistas, pois implica uma relação ética e transferencial com o sujeito e com os processos de simbolização que perpassam sua experiência.

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Psicanalíticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Psicanalista, psicólogo e professor universitário (Minas Gerais, Brasil). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4558-4639>. E-mail: [arthur.kelles@gmail.com](mailto:arthur.kelles@gmail.com).

A pesquisa psicanalítica se mostra como um campo de experiência singular, cujos fundamentos epistêmicos e metodológicos se orientam por uma ética própria: a ética do desejo. Falar em metodologia, nesse âmbito, não significa apenas escolher instrumentos de coleta de dados, mas sustentar um modo de escuta e produção de saber que reconhece o sujeito do inconsciente em sua singularidade (Poli, 2005).

A Psicanálise tem se deslocado progressivamente para além dos limites do consultório, estendendo sua escuta e seu aparato teórico-metodológico à análise de fenômenos políticos e sociais. Esse movimento requer uma abertura ao diálogo com outros campos e à complexidade do laço social contemporâneo, sem renunciar à especificidade da Psicanálise. Nesse cenário, torna-se ainda mais necessário explicitar os fundamentos que sustentam a escuta do sujeito do inconsciente e o modo de produção de saber que a Psicanálise propõe (Gallo, 2012).

A entrevista, desse modo, configura-se como um instrumento metodológico privilegiado para a investigação dos efeitos do discurso e das formações do inconsciente em contextos sociais, na medida em que possibilita a emergência da transferência e dos sentidos singulares implicados na experiência do sujeito. Longe de se reduzir a uma técnica de coleta de dados quando operada à luz da ética psicanalítica, a entrevista se torna parte integrante do próprio processo de pesquisa e construção de saber (Costa & Poli, 2006).

Este artigo propõe discutir a especificidade da pesquisa psicanalítica aplicada a fenômenos sociais e políticos, com ênfase no uso da entrevista e em sua análise de dados sob transferência, tomada como eixo central de produção de saber. Parte-se da hipótese de que o método psicanalítico pode ser mobilizado em contextos não clínicos, desde que se mantenha fiel à sua ética e estrutura discursiva. Tal reflexão se justifica diante do interesse crescente da Psicanálise por temas ligados à saúde, à educação e às políticas públicas, exigindo um posicionamento crítico diante dos discursos que hegemonomizam esses espaços. Ao investigar os efeitos da escuta analítica em situações marcadas pelo mal-estar social, o trabalho traz relevância, haja vista que busca contribuir para o aprofundamento da Psicanálise em extensão, sustentando seu rigor clínico e metodológico.

Para atingir esse objetivo, o presente trabalho se configura como uma pesquisa teórica, fundamentada em uma revisão narrativa da literatura. A metodologia adotada consistiu no mapeamento e na articulação crítica de autores que debatem a especificidade da pesquisa psicanalítica. O percurso parte dos fundamentos investigativos de Freud e da conceituação de Lacan sobre a Psicanálise em extensão e se aprofunda na discussão metodológica contemporânea sobre a aplicação da escuta analítica fora do *setting* tradicional, com destaque para as contribuições de Elia (2000), Guerra (2001), Iribarry (2003), Costa e Poli (2006), Rosa (2004) e Rosa e Domingues (2010) e Pinto (1999, 2009). A partir dessa articulação teórica, busca-se delinear os fundamentos epistemológicos e os operadores, como a entrevista e a transferência que sustentam o rigor da Psicanálise em sua prática investigativa.

## **A pesquisa psicanalítica na universidade**

As relações entre a Psicanálise e a universidade são abordadas por Freud (1913/1988), em “Sobre o Ensino da Psicanálise nas Universidades”, quando ele formaliza o tripé de

formação do analista e afirma que, por mais que seja possível pensar uma interlocução entre os dois campos, o ensino na universidade não é suficiente para a formação de um analista. São campos que se tocam, mas não se recobrem por completo.

Sabe-se que grande parte do arcabouço teórico desenvolvido por Freud foi baseado em experiência clínica própria. Em “Sobre a Psicanálise” (Freud, 1913/1996a) e “Dois Verbetes de Enciclopédia” (Freud, 1923/1996), Freud já explicita como a Psicanálise é, ao mesmo tempo, um método terapêutico e de investigação, mostrando como a prática clínica e a pesquisa psicanalítica estão interligadas. Freud (1923/1996) comenta que a Psicanálise é:

1. um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo; 2. um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos; e 3. uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo destas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica (p. 253).

No entanto, Figueiredo e Vieira (2002) apontam que essa relação não é harmoniosa e pacífica, ao falar de uma dissimetria, de uma constante tensão entre os dois campos. Pinto (1999) afirma que um dos impasses na inserção da Psicanálise no ensino universitário é o objeto de pesquisa, pois, para a Psicanálise, o objeto é o inconsciente, isto é, um objeto definido pelo negativo, “que não se deixa conhecer” (3ª seção, 1º §.).

A delimitação do tema na pesquisa psicanalítica não parte necessariamente de uma resposta às demandas acadêmicas universitárias, mas é resultado do atravessamento do real da clínica na pessoa do pesquisador-analista. Por isso, podemos dizer que o pesquisador é o primeiro sujeito de uma pesquisa psicanalítica (Iribarry, 2003). Nessa perspectiva, o objeto da pesquisa psicanalítica deve passar por “[...] questões que não foram inventadas pela teoria; têm antes existência concreta, pois foram trazidas para a clínica por aqueles que buscam saídas para os impasses encontrados entre as suas expectativas e aquelas do discurso social” (Pinto, 2009, p. 5).

Para Elia (2000), ainda que puramente teórica, toda pesquisa psicanalítica é considerada uma pesquisa clínica. Essa concepção não se refere ao fato de que toda pesquisa psicanalítica tenha de passar pelo campo clínico, mas pelo ponto de que a forma de acessar o sujeito do inconsciente e suas manifestações ser pela via clínica adotada por Freud.

Assim, em uma pesquisa psicanalítica que utiliza o método clínico, o pesquisador opera com o discurso analítico ao escutar os sujeitos de sua pesquisa. Fazendo função de objeto *a*, de causa de desejo, ele se dirige ao sujeito e o escuta, fazendo com que se produzam significantes mestres e, conseqüentemente, saberes sobre sua pergunta de pesquisa. Toda pesquisa psicanalítica é, por definição, clínica, pois exige que o pesquisador-analista se coloque no lugar que o dispositivo analítico reserva ao analista, um lugar marcado pela escuta e, mais ainda, pela função de causa para o sujeito. Isso pressupõe a sustentação do ato analítico e a presença do desejo do analista como condição fundamental da investigação (Elia, 2000).

A partir desse momento, ao transpor o material obtido a uma forma escrita, ocorre um giro discursivo e o pesquisador passa a operar a partir do discurso da histeria. Colocando-se agora na posição de sujeito e, assim, indo contra a dita neutralidade científica, o pesquisador se dirige ao material coletado clinicamente ou no campo teórico psicanalítico para produzir

um texto, um saber inédito, que esconde na posição da verdade seu gozo ao realizar o ofício de pesquisar (Elia, 2000).

Desse modo, o pesquisador-analista se coloca na posição de analisante, sustentado pela ética própria à Psicanálise, isto é, a ética do desejo (Guerra, 2001). Esse lugar na teoria dos discursos não é um lugar passivo, é um lugar de trabalho, por isso a justificativa do pesquisador nessa posição. Ele, diante do material coletado, do texto produzido, coloca-se a trabalho para produzir um conhecimento pautado pelo rigor psicanalítico. Quando se trata da investigação de fenômenos sociais, essa posição exige, ainda, que o pesquisador se implique na escuta das manifestações do mal-estar na cultura, questionando os discursos que circulam socialmente e os modos como os sujeitos se engajam neles, sem recair em explicações sociológicas ou psicológicas generalizantes, assunto que será tratado na próxima seção.

## **Psicanálise em extensão: a pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais**

Ainda que hoje existam importantes e reconhecidos trabalhos sobre a Psicanálise aplicada, termo adotado por Freud, ou seja, a Psicanálise fora do contexto clínico tradicional, seu *status* na comunidade psicanalítica nem sempre foi o mesmo. Durante um período, no campo psicanalítico, a clínica era exclusivamente colocada no lugar de produção de saber, de formulação de teorias — lugar correto de ser situada, mas não para ser ocupado unicamente por ela (Rosa & Domingues, 2010).

A Psicanálise aplicada, por sua vez, era vista tão somente como um campo prático, de aplicação e demonstração dos conceitos metapsicológicos desenvolvidos pelos analistas clínicos. Além disso, esse campo era alvo de muitas críticas, pois nem todos os psicanalistas entendiam a Psicanálise em extensão como uma Psicanálise verdadeira, pura como a clínica (Rosa & Domingues, 2010).

A Psicanálise em extensão foi denominada por Lacan na *Proposição de 9 de outubro de 1967*, momento em que ele diferencia a Psicanálise em intensão e em extensão. A Psicanálise em intensão é a dita Psicanálise “pura”, teórica e clínica, enquanto a em extensão é “tudo o que resume a função de nossa Escola como presentificadora da Psicanálise no mundo e a Psicanálise em intensão, ou seja, a didática, como não fazendo mais do que preparar operadores para ela” (Lacan, 1967/2003, p. 246). Rosa (2004) entende a Psicanálise em extensão como a perspectiva de atuação baseada na ética psicanalítica de fenômenos que dizem respeito ao sujeito, atrelada a fenômenos sociais e políticos, não passando necessariamente em contextos clínicos de análise.

Farias (1996) aponta um importante ponto na Psicanálise em extensão: além de permitir retificar os pressupostos da teoria, ela permite uma melhor interlocução do campo psicanalítico com outros campos de saber, instaurando relações de interdisciplinaridade. É fato que o analista há muito não atua somente no consultório particular e se enveredou pelas instituições, sejam públicas, sejam privadas, o que exige um novo posicionamento, sem se esquecer, contudo, de seus princípios norteadores.

Esse deslocamento do analista para espaços institucionais e sociais abre caminho para novas modalidades de escuta e intervenção, incluindo a pesquisa sobre fenômenos coletivos.

A pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos, por exemplo, exige uma escuta que vá além do sujeito em análise, voltando-se também para os discursos que estruturam o laço social. Trata-se de um trabalho que implica o manejo da escuta analítica em meio à polissemia dos discursos e ao mal-estar presente no tecido social.

A análise de fenômenos sociais feita por Freud, em seus textos conhecidos como “sociológicos”, foi utilizada para apreender melhor as manifestações psíquicas individuais (Rosa, 2004). Todavia, os textos sociológicos de Freud nem sempre foram bem recebidos ou tratados cientificamente. Mesmo assim, em “O interesse científico da Psicanálise” (Freud, 1913/1996b), já existe a demarcação freudiana de que a teoria do inconsciente poderia contribuir fortemente para as Ciências Sociais. A novidade da abordagem psicanalítica seria destacar as influências e o papel que o inconsciente e demais conceitos metapsicológicos teriam em fenômenos sociais. Em sua extensa discussão sobre esses temas durante toda sua obra, podemos destacar, inicialmente, o fragmento em que Freud (1921/2011) articula os fenômenos psíquicos individuais com a problemática social:

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado de perto. . . . Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social (Freud, 1921/2011, p. 81).

Podemos apontar sucintamente algumas produções freudianas fundamentais em que ele trata de fenômenos sociais, sem esgotar aqui toda sua complexidade. Em *Totem e Tabu* (1912-1913/2012), Freud desenvolve, a partir do mito do pai primevo, as origens dos laços sociais humanos e suas interdições, discorrendo sobre a importância dos tabus na evolução de nossa sociedade. Ele articula, a partir de uma leitura antropológica, a origem e regulamentação das regras que delimitam nossos deveres e liberdades como seres sociais.

Em um de seus textos mais importantes, *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 1921/2011), discorre sobre os entrelaçamentos do sujeito com seu contexto social, apresentando importantes argumentações sobre a identificação. Ele se debruça sobre o tema da identificação e o eleva a outro patamar. A identificação, usualmente pensada no âmbito individual, aqui é trabalhada em seu aspecto de interlocução com grupos e instituições, envolvendo conceitos como o ideal do eu e o sintoma compartilhado, que, para Rosa (2004), pode ser entendido como precursor do sintoma social.

Já em *Mal-Estar na Cultura* (1930/2020), Freud se dedica, entre outros aspectos, ao tema da civilização, da origem e manutenção da felicidade e sobre o inevitável conflito entre o indivíduo e a sociedade. Articula os aspectos sociais da felicidade, pois, para ele, as ditas formas de encontrar a felicidade indicadas pela sociedade ou são fadadas ao fracasso ou geram mal-estar nos sujeitos, devido ao fato de existir um desencontro estrutural entre o desejo e a cultura.

A partir desse breve percurso, podemos concluir, em consonância com Enriquez (2005), que “A psicanálise não é apenas uma ciência da psique isolada, ela é concernida e ela concerne diretamente ao social. O método da escrita das obras sociológicas de Freud

é coerente com a *démarche* adotada no tratamento” (p. 158). Como discutido, para Freud a Psicanálise é ao mesmo tempo clínica e investigativa, e isso se reflete em sua postura de analista em todos seus escritos, incluindo os textos ditos sociológicos (Enriquez, 2005; Rosa & Domingues, 2010).

Para Rosa e Domingues (2010), ainda que seja notório o interesse de Freud por fenômenos sociais, esse interesse não consegue solucionar todas as questões epistemológicas que surgem com a aplicação da teoria psicanalítica, que tem como objeto o sujeito do inconsciente, no campo da realidade sócio-histórica. Ainda assim, de acordo com as autoras e com Enriquez (2005), esses desencontros iniciais não impossibilitam a pesquisa psicanalítica sobre fenômenos sociais e políticos.

Nessa perspectiva, Enriquez (2005) nos lembra que pesquisar um fenômeno social e político não exige somente aplicar os conceitos e abstrações psicanalíticos aos movimentos sociais. O rigor conceitual aqui se mostra essencial, para que não ocorram interpretações selvagens, resultados de uma aplicação simplista de conceitos fundamentais da Psicanálise, como o Édipo, o narcisismo etc., esvaziando a complexidade presente nos fenômenos sociais.

Desse modo, a Psicanálise não pretende esgotar um fenômeno social e/ou político, tampouco substituir a análise sociológica sobre esse tema. Ela se dedica a uma parcela dos pontos estruturais desse fenômeno ao que escapa das análises históricas, sociológicas e antropológicas: a dimensão inconsciente presente ali — que esses campos deixam de considerar, deliberadamente ou não (Rosa & Domingues, 2010). Além disso, o campo analítico, quando envolvido com temáticas sociais, aponta também o caráter de singularidade delas, abordando esse tema a partir do lugar da função do sujeito em Psicanálise, que é cindido e marcado pela singularidade de seu desejo.

Nesse sentido, para Rosa (2004), “o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende” (pp. 341-342). Rosa e Domingues (2010), ao discutir esse trecho, defendem, portanto, a escuta analítica mesmo em materiais que não têm sua origem somente em um processo de análise, como no caso deste trabalho, que discute a utilização de entrevistas em uma pesquisa psicanalítica.

Pesquisar fenômenos sociais e políticos implica uma pesquisa que dialoga com outras áreas. Assim, ressalta-se a importância de que o pesquisador-analista se instrua, mesmo que basicamente, de conhecimentos históricos, sociológicos e antropológicos que se referem a seu objeto de estudo. Isso se mostra extremamente relevante não somente para conhecer melhor seu tema de pesquisa, mas também para oferecer subsídios que permitam delimitar qual parte do amplo fenômeno estudado interessa e compete à Psicanálise (Rosa & Domingues, 2010).

O pesquisador-analista deve também adotar uma posição sempre aberta ao debate com seus pares e com pesquisadores de outras áreas de conhecimento, mantendo vivo nessas discussões sempre o elemento de dúvida e de um semblante de ignorância, sustentando a dimensão da falta e da castração também no âmbito da pesquisa. Esse efeito tem função operativa similar ao efeito que o sujeito suposto saber tem sobre a transferência (Gallo, 2012).

Essa posição, difícil de ser sustentada, não se estabelece por um saber já constituído, todo, e sim por um que estará sempre por ser inscrito, e aí está o valor de operar também com essa ignorância. Uma pesquisa psicanalítica requer não chegar ao fim da questão, à demarcação e sistematização total do problema de pesquisa, é ao trabalhar com o fato que terminaremos com mais perguntas do que com respostas. No processo de pesquisa psicanalítica com fenômenos sociais, assim como em uma análise, não há garantias, há que inventar algo novo a todo momento (Gallo, 2012).

## **A entrevista como instrumento metodológico em Psicanálise**

Ainda que possa parecer, à primeira vista, que a pesquisa psicanalítica não se estabeleça por meio do método da entrevista, observase que tal técnica já é amplamente usada na clínica, sobretudo nas entrevistas preliminares, essenciais ao processo analítico (Costa & Poli, 2006). Essas entrevistas são chamadas preliminares por serem anteriores à análise propriamente dita, sendo o momento em que o analista avalia a possível entrada do paciente em tratamento.

Nas entrevistas preliminares, há uma passagem crucial: o paciente chega em posição de queixa, sem reconhecer suas próprias formações do inconsciente e sem se implicar em seu discurso. Com a instalação e sustentação da transferência, emerge uma demanda singular; o sujeito passa a se responsabilizar por seus chistes, lapsos, sonhos e atos falhos, tratados como enigmas cuja elaboração exige confiança na própria fala e na escuta do analista.

Rosa e Domingues (2010) defendem o uso da entrevista, técnica ainda pouco utilizada em pesquisas psicanalíticas, como método de coleta de dados no contexto de Psicanálise, pois ela permite o contato direto com sujeitos envolvidos com o fenômeno a ser investigado. Para as autoras, o uso rigoroso desse método pode se tornar um dos caminhos possíveis de construção de uma pesquisa psicanalítica. Costa e Poli (2006) situam a entrevista na pesquisa psicanalítica não perdendo de vista que o campo psicanalítico é constituído a partir do tripé intervenção, produção e investigação que envolve o sujeito do inconsciente.

A condução da entrevista, quando orientada pela Psicanálise, apoia-se em dois fundamentos clínicos essenciais: a atenção flutuante por parte do pesquisador e a associação livre por parte do entrevistado. Esses dois operadores clínicos, transpostos com cuidado para o campo da pesquisa, funcionam como dispositivos que desestabilizam a rigidez da linguagem codificada e das respostas esperadas, criando condições para que o discurso do sujeito emergja para além do controle racional ou da adaptação às expectativas do pesquisador (Costa & Poli, 2006).

A atenção flutuante, ao suspender qualquer direção prévia da escuta, permite que o pesquisador acolha os deslocamentos do discurso, os lapsos, as contradições e os silêncios como elementos significantes, abrindo espaço para a irrupção do inconsciente. Já a associação livre, mesmo em um contexto não clínico, pode ser favorecida por um ambiente que não pressiona por respostas rápidas e coerentes, mas que sustenta o espaço de fala como lugar de emergência de angústias e sentidos singulares. Esses recursos impedem que a entrevista se transforme em um instrumento fechado, moldado apenas pelas hipóteses iniciais da

pesquisa, e asseguram uma escuta que respeita a singularidade da fala de cada sujeito (Costa & Poli, 2006).

Em meio a isso, Costa e Poli (2006) advertem que a demanda do pesquisador deve ser ampla o suficiente para que os entrevistados possam, em transferência, criar sua própria demanda e respondê-la, sem intromissões do pesquisador, criando um campo subjetivo para que surja a singularidade. Isso significa que o pesquisador-analista não deve impor sentidos nem conduzir o discurso em direção a respostas esperadas, mas sustentar uma escuta que acolha o inesperado que escapa à lógica consciente.

Por isso, a hipótese formulada pelo pesquisador-analista não pode oferecer resistência a esses elementos. A verdadeira hipótese de pesquisa é realmente construída no *a posteriori*, após o trabalho de transferência (Costa & Poli, 2006). Nesse sentido, o trabalho com entrevistas em Psicanálise demanda que o pesquisador não se apoie apenas em categorias previamente definidas ou em códigos de análise fechados. O processo interpretativo exige abertura àquilo que resiste à simbolização e que se expressa nos desvios do discurso.

Isso requer um cuidado metodológico para não reduzir a complexidade do material discursivo a classificações simplificadas. O rigor na pesquisa psicanalítica está justamente na disposição para escutar o que escapa, o que se repete sem sentido evidente, e o que retorna sob formas disfarçadas ou contraditórias. Essa escuta não busca confirmar hipóteses, mas produzir deslocamentos que permitam novas leituras dos fenômenos em questão.

A utilização da entrevista como método em pesquisas psicanalíticas com fenômenos sociais também coloca em cena a importância de considerar os atravessamentos históricos, culturais e discursivos que afetam o sujeito. Ao contrário de uma abordagem que busca extrair uma verdade universal a partir da fala, a escuta psicanalítica se orienta por uma ética da singularidade, mesmo quando o objeto da pesquisa envolve coletividades. Cada sujeito, ao falar, o faz a partir de posições discursivas marcadas por sua história, suas identificações e seu modo de se inscrever no laço social. A entrevista, nesse contexto, torna-se um espaço no qual o social e o psíquico se articulam, revelando a maneira como o sujeito lida com os impasses de seu tempo (Enriquez, 2005).

Em síntese, a entrevista psicanalítica se consolida como dispositivo que faz emergir vozes antes irrepresentáveis, permitindo que o sujeito transforme em palavra o que se encontrava silenciado. Nesse movimento, ela cumpre uma dupla função: testemunha algo inédito e ainda não enunciado, promovendo um processo de subjetivação singular em cada participante, ao mesmo tempo que oferece ao pesquisador material rigoroso para a elaboração científica. Destarte, o método clínico se integra à investigação de fenômenos sociais, selando o compromisso ético da Psicanálise com a escuta do inconsciente no laço coletivo.

A partir dessas considerações acerca da entrevista como instrumento metodológico, torna-se necessário aprofundar o papel que a transferência desempenha na produção de saber em uma pesquisa psicanalítica. Além de uma condição clínica, a transferência opera como eixo estruturante da escuta e da relação entre pesquisador e sujeito da pesquisa. É por meio dela que se constitui um campo no qual o inconsciente pode emergir e no qual o saber se produz como efeito de uma relação (Pinto, 2009). A próxima seção abordará como a transferência, ao ser sustentada pelo pesquisador-analista, se configura como operador

metodológico fundamental na investigação psicanalítica, tanto no momento da entrevista como na análise de dados.

## A transferência como operador metodológico

A transferência é um dos conceitos essenciais para a Psicanálise. Seu manejo é fundamental em uma relação analítica, e no âmbito da pesquisa psicanalítica ela também aparece como elementar, sendo uma das bases em comum entre os dois campos (Pinto, 2009). Ainda que tão importante em uma análise, a transferência não aparece apenas ali (Freud 1915/2010), ela está presente em todas as relações fora do contexto analítico, em maior ou menor grau, inclusive em entrevistas (Bleger, 2003). Um diferencial na pesquisa psicanalítica é que a transferência é operacionalizada, instrumentalizada na metodologia de investigação e análise de dados (Iribarry, 2003).

Ao utilizar a metodologia de entrevista como coleta de dados, a transferência aparece como condição necessária para sua execução. O saber em uma pesquisa não está situado *a priori* no entrevistado, e sim é um dado de investigação produzido na relação transferencial, pois envolve também o pesquisador (Elia, 2000). A transferência também é imprescindível na análise dos dados, ponto que será discutido mais adiante.

Um sonho ou um lapso, por exemplo, pode ser compreendido e analisado de diversas maneiras, a depender do olhar de quem analisa. No entanto, ao ser relatado para um analista, toma outra dimensão, apontando para a dimensão do inconsciente. Esse processo permite amoldar e assentir a posição objetalizada em que o sujeito é situado. Assim, uma entrevista em pesquisa psicanalítica tem como pré-condição o campo transferencial e a hipótese do inconsciente, um saber que não se sabe (Costa & Poli, 2006).

Operar com o inconsciente pressupõe, pois, a suposição de um saber que “não se sabe”, mas que é suposto. As condições de produção de conhecimentos sobre este “insabido” são internas ao campo relacional que o constitui. A isso denominamos em psicanálise “transferência”. Não é, pois, um saber prévio que já estava ali, no “entrevistado”, como um dado a ser colhido pelo “entrevistador”. É algo que se situa num espaço transferencial em que o “insabido” se expressa como formações do inconsciente. Logo, ele inclui o pesquisador na própria formação (Rosa & Domingues, 2010, p. 17).

Já na análise dos dados, é guiado pela transferência como operador metodológico que o pesquisador-analista se debruça sobre o material escrito da pesquisa (seja ele um texto teórico, sejam dados coletados na clínica ou por entrevistas, por exemplo) e os articula com o arcabouço teórico já estabelecido, buscando avançar na produção de conhecimento psicanalítico. A transferência na pesquisa permite que o pesquisador relacione suas expectativas e suas hipóteses quanto ao problema proposto com os achados durante a pesquisa (Iribarry, 2003).

O pesquisador em Psicanálise refaz o percurso de Freud, pois pode “identificar como a teoria recalca algumas questões e favorece outras, como se fosse a solução de compromisso possível naquele instante” (Pinto, 1999, 4ª seção, 6º§). É o pesquisador quem decide por que

focar algumas questões e não outras, por que trilhar este ou outro caminho. Assim como em Freud, a transferência ao texto revela traços do pesquisador.

Em uma análise psicanalítica, não há espaço para a neutralidade. Como há sempre a presença da transferência como operador metodológico, o pesquisador deixa aparecer também algo de si. Apenas pelo fato de se dirigir aos sujeitos de pesquisa ou a um texto teórico com sua hipótese, já há uma implicação do pesquisador, o que contraria o pressuposto de neutralidade da ciência dita positivista. Por isso, a Psicanálise não busca forcluir esse aspecto, mas sim introduzi-lo em seu método. É o olhar do pesquisador, munido das ferramentas e princípios que a Psicanálise oferece, que bordejia e delimita o campo de pesquisa.

Ao estudar um material teórico, não somente nossa racionalidade está sendo utilizada, mas também nossos processos inconscientes, criando ali uma relação transferencial com o material. A pesquisa teórica é perpassada pelas experiências do pesquisador como analista, pesquisador e analisando. Da mesma forma que a formação do analista tem como um de seus resultados o estilo singular do analista, a pesquisa psicanalítica também permite o desenvolvimento e sustentação do estilo singular de pesquisar (Iribarry, 2003).

## **Análise psicanalítica dos dados: entre convergência significativa, singularidade e evitação**

A análise dos dados pela leitura psicanalítica busca articular os dados obtidos com a teoria já estabelecida, bem como buscar pontos inéditos que podem ser desenvolvidos. Para Iribarry (2003), a inovação da pesquisa psicanalítica não aparece na escolha dos sujeitos ou pelas técnicas utilizadas, que podem ser múltiplas. Ainda que haja diversas maneiras para coletar dados à disposição do pesquisador, é na análise dos dados que a Psicanálise mostra também sua particularidade em investigar fenômenos clínicos e sociais.

Há inicialmente uma orientação do autor: para que o processo de análise de dados inicie, é preciso que o pesquisador transforme seus dados obtidos em texto. Assim, a partir dessa conversão de uma entrevista em um texto, a análise de dados será orientada inicialmente pela escuta e pela transferência instrumentalizada do pesquisador em relação ao texto. Quando se debruça sobre um texto como material de investigação, o pesquisador-analista deixa ali traços de sua releitura, de seu trabalho de pensamento sobre o material.

Em *Notas sobre um Caso de Neurose Obsessiva*, Freud (1909/1975), ao dizer que todo o relato do caso foi escrito no fim do dia das sessões, indica que o analista não anote durante as sessões, que tome esse tempo para fazer uso de sua atenção flutuante. Assim, podemos pensar em dois tempos do trabalho de produção de saber analítico: um de escuta, quando se instala a transferência e há o uso da interpretação, e outro de escrita e elaboração, quando o analista se dedica ao texto escrito de uma outra forma (Ramirez, 2012).

Como na clínica, a escuta em Psicanálise envolve o arcabouço teórico psicanalítico e a atenção flutuante à fala do analisando. No contexto da pesquisa psicanalítica, o princípio se mantém, contudo o objeto da escuta passa a ser o texto escrito, com o objetivo de “identificar significantes cujo sentido assume o caráter de uma contribuição original para o problema de pesquisa norteador da investigação” (Iribarry, 2003, p. 129). A análise do material transcrito, portanto, opera sob os efeitos da escuta flutuante: ao focar as

expressões, significantes e brechas que surgem, busca-se desconstruir o texto para permitir a emergência de um novo sentido.

Para a análise dos dados, a partir da transferência instrumentalizada, o pesquisador-analista realiza uma redução significativa dos temas que surgirão, pois seu foco está nos significantes emergentes, e não nos signos. A operação de redução foi utilizada amplamente por Lacan, por exemplo, na formulação de seus matemas, na estruturação de conceitos e nos princípios de condução de uma análise (Pinto, 2009).

A operação de redução permite destacar os significantes mestres que se repetem no real do tema de pesquisa, bem como apontar o que é impossível de ser evitado, o que não cessa de se inscrever e que o pesquisador a partir de sua análise pode buscar construir um sentido. Na análise de dados, as repetições de significantes permitem apontar pontos de convergência entre os discursos, entre o que há de significantizável quando há o deslizamento da cadeia significativa.

Cabe retomar que as possíveis categorias obtidas pela redução psicanalítica não são tidas *a priori*, elas são construídas ao longo do processo de análise dos dados, sempre pontuadas pela transferência do pesquisador-analista com o tema e com o material transcrito. A construção na análise de dados de possíveis categorias ou temas-eixos, não significa, ainda, que elas tenham uma relação causal, complementar ou temporal entre si. “Além disso, o traçado que esses pontos nodais estruturariam, desvelaria no seu “avesso” um texto que não é lido, posto que se constitui a partir dos pontos que são evitados, deixados fora de seus limites” (Guerra, 2001, p. 91).

Na análise de uma entrevista, o pesquisador busca identificar aspectos que dizem do sintoma (individual e social), bem como tem a intenção de destacar os significantes que os sujeitos utilizam para descrever a situação de pesquisa, significantes que marcam seu discurso (Guerra, 2001). Guerra (2001) sumariza a questão: “trata-se de levar o efeito do significativo ao seu extremo, ao ponto no qual um obstáculo ao saber possa ser entrevistado, uma questão possa ser formulada, provocando deslocamentos de verdade que as afirmações teóricas produzem no exercício de sua maestria” (p. 86).

Ainda que surjam temas ou significantes que não sejam conceitos psicanalíticos em si, torna-se possível pensá-los pela via da Psicanálise, colocando-os em tensão com as categorias emergentes e produzindo um saber psicanalítico sobre o fenômeno social estudado. Quando elementos tipicamente psicanalíticos, como sonhos ou lapsos, emergem nas entrevistas, o pesquisador deve confrontar esse material com o conjunto das demais. O objetivo é discernir se o achado se restringe à singularidade do entrevistado ou se também elucida as condições sociais do fenômeno. Mesmo que uma análise psicológica, social ou antropológica também possa se ater aos termos e palavras que se evidenciam no discurso dos entrevistados, a Psicanálise se diferencia em sua análise ao propor um olhar que envolve os temas que se repetem, mas também evidenciando nessa relação os signos do gozo presentes (Ramírez, 2012).

Nesse sentido, retomamos a fala de Miller (2010), ao sublinhar que a Psicanálise prefere o detalhe à síntese. Com isso, na análise de um psicanalista, há uma atenção particular aos detalhes, aos restos, aquilo que as outras especialidades não necessariamente observam. Um dado que muitas vezes pode ser ignorado pelas outras ciências por divergir demais da

teoria, ou por abrir um “buraco negro” nas discussões, é o que a Psicanálise deve também se dedicar, para produzir novos saberes e verdades que podem até mesmo serem disruptivos. O desejo do analista, caracterizado, dentre outros fatores, por um desejo de querer saber, ao se deparar com uma falha em seu percurso investigativo, deve se deter aí e investigar sua presença. Não ignora os dados que surgem que parecem contrários ou estranhos à teoria, sua inquietação diante desse enigma é o que faz com que a pesquisa se movimente.

Mesmo que a produção de saber em Psicanálise implique a marca do singular e da contingência, ainda há um compromisso ético de ser portadora de uma verdade, aqui, a verdade do sujeito. Assim, trata-se de uma verdade e de um saber interno à própria experiência que o produz, mas que carrega consigo a capacidade de ser compartilhado e transmitido (Poli, 2005).

Por fim, o analista também deve se atentar para uma terceira situação: aspectos de evitação encobertos pelo significante (Guerra, 2001). Referimo-nos aqui ao não-dito em uma entrevista, ao silêncio que por muitas vezes pode falar mais alto do que uma palavra proferida, revelando uma evitação proposital ou até mesmo o recalco de algo. A evitação de temas, de significantes ou seu possível encobrimento por meio de outros significantes também é importante dado de análise para o pesquisador.

Nessa constante dialética, o singular pede ao pesquisador-analista que esteja aberto ao imprevisto, ao efeito de surpresa que o real pode oferecer, enquanto o estrutural, o universal, faz referência às constantes, às repetições (Gallo, 2012). A singularidade, tão preciosa para a Psicanálise, não impede que se estabeleça pontos de conexão, de interlocução em comum na forma como se faz laço social.

Outro aspecto importante apontado por Gallo (2012) é a socialização e publicação dos achados em uma pesquisa psicanalítica. É importante que o pesquisador-analista divulgue não só os resultados de pesquisa, mas também a forma como chegou a eles, as dificuldades e tensões que encontrou no caminho e como as resolveu. É mais uma forma de demonstrar a implicação do analista em sua pesquisa, presente desde a delimitação do tema até a análise dos dados, contribuindo também para a transmissão do saber psicanalítico.

## Considerações finais

Como discutido ao longo do artigo, a pesquisa psicanalítica que se propõe a investigar fenômenos sociais exige um manejo cuidadoso com os princípios que regem o campo psicanalítico, especialmente quando se trata da utilização de instrumentos como a entrevista. A proposta metodológica apresentada não pretende constituir um modelo universal ou um manual de aplicação, mas indicar um caminho possível que respeite a ética da escuta, a transferência como operador e o estatuto do inconsciente como eixo estruturante.

É importante notar que, por se tratar de uma pesquisa teórica, este trabalho se ateuve à fundamentação e articulação dos operadores metodológicos, não abordando com detalhes a aplicação prática da entrevista a um fenômeno social ou político específico. Para pesquisas futuras, sugere-se a aplicação desta metodologia em investigações de campo – por exemplo, mediante estudos de caso em instituições ou na análise de discursos coletivos. Tais trabalhos

poderiam não apenas demonstrar o rigor da escuta psicanalítica em extensão, mas também aprofundar a análise dos impasses e dos restos discursivos.

A metodologia construída pela Psicanálise não se ancora em neutralidade ou objetividade. Ao contrário, parte da implicação do pesquisador como sujeito, perpassado por seu desejo, pelas questões que o mobilizam e por sua posição na transferência. Isso requer uma postura de escuta que admite o saber como efeito da relação, e não como dado prévio a ser extraído.

Além disso, ao aplicar a escuta psicanalítica aos fenômenos sociais e políticos, há o desafio de sustentar a tensão entre os registros do singular e do coletivo. A análise dos dados nesse contexto não busca regularidades estatísticas, mas a emergência de significantes que apontem para zonas de impasse, para o que escapa da narrativa racional, para os restos que resistem à simbolização. Destarte, a pesquisa psicanalítica compartilha com a clínica o gesto de fazer existir um sujeito onde ele parecia ausente.

Por fim, ao constatar o estatuto ético da Psicanálise como guia metodológico, reafirma-se sua potência investigativa também no campo social. O uso da entrevista, quando ancorado na transferência e no desejo de saber, torna-se não apenas uma técnica, mas uma via de transmissão e produção. Assim, a pesquisa psicanalítica não apenas contribui para a ampliação de saberes sobre os fenômenos sociais, como também se reinscreve como campo de produção de saber sobre o inconsciente em sua relação com o laço social.

## Referências

- Bleger, J. (2003). A entrevista psicológica: seu emprego no diagnóstico, trabalho e na investigação. In Bleger, J. *Temas de Psicologia: entrevista e grupos*. (pp. 9-41). São Paulo: Martins Fontes.
- Costa, A. & Poli, M. C. (2006). Alguns fundamentos da entrevista na pesquisa em Psicanálise. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, 19(188), 14-21.
- Elia, L. (2000). Psicanálise: clínica & pesquisa. In Alberti, S. & Elia, L. (Orgs.), *Clínica e pesquisa em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Enriquez, E. (2005). Psicanálise e Ciências Sociais. *Ágora*, 8(2), 153-174. Recuperado em 10/03/2026 em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/jDRbTN46rPwk5tdmwf37pyq/?lang=pt>>.
- Farias, F. R. (1996). A pesquisa em Psicanálise: o cogito cartesiano e o inconsciente freudiano. In Farias, F. R. (Org.), *Freud: o interesse científico de uma filosofia inquieta*. (pp. 19-39). Rio de Janeiro: Revinter.
- Figueiredo, A. C. & Vieira, M. A. (2002). Psicanálise e ciência: uma questão de método. In Beividas, W. (Org.), *Psicanálise, pesquisa e universidade*. (pp. 13-33). Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Freud, S. (1975). Notas sobre um caso de neurose obsessiva. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 10, pp. 159-325). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1909).
- Freud, S. (1988). Sobre o ensino da Psicanálise nas universidades. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 17, pp. 185-187). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1913).

- Freud, S. (1996a). Sobre a Psicanálise. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 12, pp. 130-134). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1913).
- Freud, S. (1996b). O interesse científico da Psicanálise. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 13, pp. 165-192) Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1913).
- Freud, S. (1996). Dois verbetes de enciclopédia. In Freud, S. *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 18, pp. 253-274). Rio de Janeiro: Imago. (Publicado originalmente em 1923).
- Freud, S. (2010). Observações sobre o amor de transferência. In Freud, S. *Obras completas: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber")*, artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913). (Vol. 10, pp. 208-221). Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1915).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In Freud, S. *Obras completas: psicologia das massas e análise do Eu e outros textos*. (Vol. 15, pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1921).
- Freud, S. (2012). Totem e tabu. In Freud, S. *Obras completas: Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. (Vol. 11, pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1912-1913).
- Freud, S. (2020). *O mal-estar na cultura*. Belo Horizonte: Autêntica. (Publicado originalmente em 1930).
- Gallo, H. (2012). Del método y la investigación psicoanalítica. In Ramírez, M. E. & Gallo, H. *El Psicoanálisis y la investigación en la universidad*. (pp. 77-104). Buenos Aires: Grama Ediciones.
- Guerra, A. M. C. (2001). A lógica da clínica e a pesquisa em Psicanálise: um estudo de caso. *Ágora*, 4(1), 85-101. Recuperado em 10/03/2026 em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/4fvdxdbnDKFRPfhHkVjQHQ/?lang=pt>>.
- Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, 6(1), 115-138. Recuperado em 10/03/2026 em: <<https://www.scielo.br/j/agora/a/kMNkRYxpVCBG6NwwVR8Pryd/?lang=pt>>.
- Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In Lacan, J. *Outros escritos*. (pp. 235-247). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Publicado originalmente em 1967).
- Miller, J.-A. (2010). *Conferencias porteñas. Tomo II: desde Lacan*. Barcelona: Paidós.
- Pinto, J. M. (1999). A instituição acadêmica e a legitimação da vocação científica da Psicanálise. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(3). Recuperado em 10/03/2026 em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/55KBpQ8DrKK8rTGcNvfz99k/abstract/?lang=pt>>
- Pinto, J. M. (2009). Uma política de pesquisa para a Psicanálise. *Clinicaps: Impasses da Clínica*, 1(7), 1-18. Recuperado em 10/03/2026 em: <<https://biblat.unam.mx/hevila/CliniCAPS/2009/no7/2.pdf>>.
- Poli, M. C. (2005). Pesquisa em Psicanálise. *Revista da APPOA*, 29, 42-47. Recuperado em 10/03/2026 em: <<https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista29.pdf>>.
- Ramírez, M. E. (2012). El método clínico de Freud aplicado a la investigación de fenómenos sociales. In Ramírez, M. E. & Gallo, H. *El psicoanálisis y la investigación en la universidad* (pp. 129-141). Buenos Aires: Grama Ediciones.

Andrade, A. K.

Rosa, M. D. (2004). A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 4(2), 329-348. Recuperado em 10/03/2026 em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v4n2/08.pdf>>.

Rosa, M. D., & Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 180-188. Recuperado em 10/03/2026 em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/yKKGKsrdH3QvCNdYkTkPqpfP/?format=pdf&lang=pt>>

## The psychoanalytic methodology in research: the use of interviews and data analysis in the investigation of social phenomena

### Abstract

This article explores the epistemological and methodological foundations of psychoanalytic research, focusing on the application of the interview to social and political phenomena. Psychoanalytic methodology departs from traditional scientific paradigms of neutrality, anchoring itself in the researcher's implication. Even outside the clinical setting, psychoanalytic research is defined as clinical because it requires the sustainment of analytic discourse. The interview is highlighted as a privileged methodological instrument which, when operated through analytic listening (free-floating attention and free association), transcends mere data collection. The central axis of this approach is transference, which is understood as a methodological operator. Knowledge is not considered pre-existing data to be extracted from the subject, but rather something produced within the transferential relationship, which involves the researcher. In data analysis, conducted *a posteriori* on the transcribed material, the psychoanalytic method uses significant reduction to identify master signifiers, repetitions, and points of jouissance (enjoyment) in the discourse. Instead of seeking generalizations, the analysis values detail and focuses on what escapes the manifest meaning, such as the unsaid, silences, and avoidances in the discourse. It is concluded that, by sustaining listening and transference, the interview proves to be a rigorous psychoanalytic method for investigating the singular unconscious dimension present in the social bond.

**Keywords:** Psychoanalytic research. Methodology. Interview. Social phenomena. Transference.

## La metodología psicoanalítica en la investigación: el uso de entrevistas y el análisis de datos en el estudio de fenómenos sociales

### Resumen

Este artículo explora los fundamentos epistemológicos y metodológicos de la investigación psicoanalítica, centrándose en la aplicación de la entrevista a fenómenos sociales y políticos. La metodología psicoanalítica se aleja de los paradigmas científicos tradicionales de neutralidad, anclándose en la implicación del investigador. Incluso fuera del consultorio, la investigación psicoanalítica se define como clínica, ya que exige el sostenimiento del discurso analítico. Se destaca la entrevista como un instrumento metodológico privilegiado que, al ser operado mediante la escucha analítica (atención flotante y asociación libre), trasciende la mera recolección de datos. El

Andrade, A. K.

eje central de este enfoque es la transferencia, entendida como operador metodológico. El saber no se considera un dato previo a extraer del sujeto, sino algo producido en la relación transferencial, que involucra al investigador. En el análisis de datos, realizado *a posteriori* sobre el material transcrito, el método psicoanalítico utiliza la reducción significativa para identificar significantes amos, repeticiones y puntos de goce en el discurso. En lugar de buscar generalizaciones, el análisis valora el detalle y se concentra en lo que escapa al sentido manifiesto, como lo no dicho, los silencios y las evitaciones en el discurso. Se concluye que, al sostener la escucha y la transferencia, la entrevista se muestra como un método psicoanalítico riguroso para investigar la dimensión inconsciente singular presente en el lazo social.

**Palabras clave:** Investigación psicoanalítica. Metodología. Entrevista. Fenómenos sociales. Transferencia.

## La méthodologie psychanalytique en recherche: l'utilisation d'entretiens et l'analyse de données dans l'étude des phénomènes sociaux

### Résumé

Cet article explore les fondements épistémologiques et méthodologiques de la recherche psychanalytique en se concentrant sur l'application de l'entretien aux phénomènes sociaux et politiques. La méthodologie psychanalytique s'écarte des paradigmes scientifiques traditionnels de neutralité, s'ancrant dans l'implication du chercheur. Même en dehors du cadre clinique, la recherche psychanalytique est définie comme clinique, car elle exige le maintien du discours analytique. L'entretien est souligné comme un instrument méthodologique privilégié qui, lorsqu'il est opéré par l'écoute analytique (attention flottante et association libre), transcende la simple collecte de données. L'axe central de cette approche est le transfert, compris comme un opérateur méthodologique. Le savoir n'est pas considéré comme une donnée préalable à extraire du sujet, mais comme quelque chose produit dans la relation transférentielle, qui implique le chercheur. Dans l'analyse des données, réalisée *a posteriori* sur le matériel transcrit, la méthode psychanalytique utilise la réduction signifiante pour identifier les signifiants-maîtres, les répétitions et les points de jouissance dans le discours. Au lieu de rechercher des généralisations, l'analyse valorise le détail et se concentre sur ce qui échappe au sens manifeste, comme le non-dit, les silences et les évitements dans le discours. Il est conclu qu'en soutenant l'écoute et le transfert, l'entretien se révèle être une méthode psychanalytique rigoureuse pour investiguer la dimension inconsciente singulière présente dans le lien social.

**Mots-clés:** Recherche psychanalytique. Méthodologie. Entretien. Phénomènes sociaux. Transfert.

Recebido em: 03/07/2025

Revisado em: 24/11/2025

Aceito em: 04/12/2025